

# O Monstro

VICTOR HUGO



Free Books

VICTOR HUGO

# O MONSTRO

Tradução de Machado de Assis

FREE BOOKS EDITORA VIRTUAL –  
CLÁSSICOS ESTRANGEIROS  
TERROR – HORROR – FANTASIA

**Título:** O Monstro.

**Autor:** Victor Hugo (1802 – 1885).

**Tradução** de Machado de Assis (1839 – 1908).  
originariamente publicada no Diário do Rio de Janeiro, entre 1 e 7 de julho de 1866. Fizeram-se breves adaptações textuais.

**Imagem da capa:** Victor Hugo.

**Leiaute da capa:** Canva.

**Série:** Clássicos Estrangeiros – vol. 48.

**Editor:** Free Books Editora Virtual.

**Site:** [www.freebookseditora.com](http://www.freebookseditora.com)

**Direitos:** Original e tradução de domínio público (arts. 41, *caput* da Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998).

**Ano:** 2018.

*Sites* recomendados:

[www.triumviratus.net](http://www.triumviratus.net),  
[www.contosdeterror.com.br](http://www.contosdeterror.com.br),  
[www.contosdeterror.site](http://www.contosdeterror.site)

## SUMÁRIO

O MONSTRO.....	5
QUEM TEM FOME ACHA MAIS QUEM TENHA.....	5
O MONSTRO.....	13
OUTRA FORMA DE COMBATE NO ABISMO.	25
SOBRE O AUTOR.....	30

# O MONSTRO

## QUEM TEM FOME ACHA MAIS QUEM TENHA

Quando Gilliatt acordou, teve fome.

Acalmava-se o mar. Havia, porém, alguma agitação ao largo, que impedia a partida imediata. Demais, o dia já estava adiantado. Com o carregamento da pança, para chegar a Guernesey antes da meia-noite, era preciso sair de manhã.

Embora a fome urgisse, Gilliatt começou por despir-se, único meio de aquecer-se.

As roupas estavam molhadas da chuva, mas a água da chuva lavara a água do mar, o que fez com que agora pudessem secar as roupas.

Gilliatt apenas ficou com as calças, que arregaçou até os joelhos.

Estendeu, com pesos em cima, nas saliências do rochedo, todo o resto da roupa.

Depois pensou em comer.

Gilliatt recorreu à faca que teve o cuidado de afiar e tê-la em bom estado, e arrancou do granito alguns mariscos. Comeu-os crus. Mas, depois de tantos trabalhos, fraca era a pitaça. Já não tinha biscoito. Quanto à água, não lhe faltava. Estava mais que saciado, estava inundado.

Aproveitou a vazante para perlustrar os rochedos à cata de lagostas. Já havia muita rocha descoberta; podia apanhar boa caça.

Somente não refletia ele que já não podia cozer peixe algum. Se tivesse de ir ao depósito, veria tudo derrubado pela chuva. O pau e o carvão estavam encharcados, e da provisão de estopa, que lhe servia de isca não tinha um fio que não estivesse molhado. Não havia meio de sacar fogo.

De resto, o fole estava desorganizado; a tempestade saqueou-lhe o laboratório. Com o resto da ferramenta, Gilliatt, a rigor, podia ainda trabalhar de carpinteiro, não de forja. Mas Gilliatt, naquele momento, não pensava na oficina.

Empuxado pelo estômago, sem mais reflexão, entrou a procurar comida. Estava não

na garganta do escolho, mas fora, nas dobras dos cachopos. Foi desse lado que a Durande, dez semanas antes, esbarrara nas pedras.

Para a caça que Gilliatt fazia, o exterior da viela valia mais que o interior. Os caranguejos, nas águas baixas, têm costume de tomar ar. Aquecem-se ao sol. Amam o sol aqueles entes disformes. É uma coisa estranha a saída deles em plena luz. Quase indigna-se a gente com eles. Quando os vemos, com seu aspecto oblíquo, subir pesadamente, um por um, os andares inferiores dos rochedos como degraus de uma escada, acreditamos por força que o oceano também tem os seus piolhos.

Desses piolhos vivia Gilliatt há dois meses.

Contudo, nesse dia os caranguejos e as lagostas andavam escondidos. A tempestade empurrara aqueles solitários para os seus esconderijos, e ainda não se animavam a sair. Gilliatt tinha na mão a faca aberta, e arrancava de quando em quando uma concha debaixo do sargaço. Comia andando.

Não devia estar longe do lugar onde se perdera o Sr. Clubin.

Quando Gilliatt já se resignara aos ouriços e castanhas do mar, fez-se um movimento a

seus pés. Um grande caranguejo, assustado com a presença dele, tinha pulado na água. O caranguejo não mergulhou tanto que Gilliatt não o visse.

Gilliatt começou a correr atrás do caranguejo no esvazamento da rocha. O caranguejo fugia.

De repente, não viu mais nada.

O caranguejo metera-se por algum buraco debaixo do rochedo.

Gilliatt atracou-se aos relevos da pedra e esticou o pescoço para ver se via alguma coisa.

Havia, com efeito, uma anfratuosidade. O caranguejo devia ter-se refugiado aí.

Era mais que uma fenda, era um pórtico.

O mar entrava por baixo desse pórtico, mas não era profundo. Via-se o fundo coberto de pedrinhas. Essas pedrinhas eram esverdeadas e revestidas de filamentos, o que indicava que nunca estavam a seco. Assemelhavam-se a cabeças de crianças com cabelos verdes.

Gilliatt pôs a faca nos dentes, desceu do alto da rocha e saltou na água. Teve água quase até os ombros. Meteu-se pelo pórtico. Achou-se num corredor gasto, com um esboço de



abóbada ogival por cima. As paredes eram polidas e lisas. Já não via o caranguejo. Tomara pé. Caminhava e diminuía-se a luz. Começou a não ver coisa alguma.

Depois de quinze passos, cessou a abóbada. Estava fora do corredor. Havia mais espaço e, por consequência, mais luz; as suas pupilas se tinham dilatado; via bem. Teve uma surpresa.

Acabava de entrar naquela cava estranha visitada por ele um mês antes.

Somente, desta vez entrou pelo mar.

Aquela arcada que ele vira afogada era a mesma por onde agora passou. Em certas marés baixas era praticável.

Os olhos iam-se acostumando ao lugar. Via cada vez melhor. Estava estupefato. Tornava a achar aquele extraordinário palácio da sombra, aquela abóbada, aqueles pilares, aqueles rubros, aquela vegetação de pedras e, no fundo, aquela cripta, quase santuária, e aquela pedra, quase altar.

Não se lhe despertavam muito os pormenores, mas tinha no espírito a ideia do todo, e reconheceu.

Via diante dele, em certa altura, na rocha, o buraco por onde penetrou a primeira vez, e que, do ponto onde estava agora, parecia inacessível.

Tornava a ver, perto da arcada ogival, as grotas baixas e obscuras, espécie de cavas na cava, que já observara de longe. A que ficava mais perto dele estava a seca e era fácil de se lhe chegar.

Mais perto ainda que essa descobriu ele, ao alcance da mão, uma fenda horizontal no granito. Provavelmente estava ali o caranguejo. Meteu a mão o mais que pôde, e procurou, às apalpadelas, naquele buraco de trevas.

De repente, sentiu que lhe agarravam no braço.

O que ele experimentou, nesse momento, foi o horror indescritível.

Uma coisa que era delgada, áspera, chata, gelada, pegajosa e viva torcia-se na sombra à roda de seu braço nu, e subia-lhe para o peito. Era a pressão de uma correia, e o impulso de uma verruma. Em menos de um segundo, uma espécie de espiral tinha-lhe invadido o punho e o cotovelo e tocava-lhe o ombro. A ponta metia-se-lhe no sovaco.

Gilliatt atirou-se para trás, e mal pode fazê-lo. Estava como que pregado. Com a mão esquerda, que ficara livre, pegou na faca que tinha entre os dentes, e com essa mão, que segurava a faca, apoiou-se no rochedo com um esforço desesperado para sacar o braço. Só conseguiu inquietar a ligadura, que se apertou mais. Era flexível como o couro, sólida como o aço, fria como a noite.

Outra correia, estreita e pontuda, saiu do buraco da rocha. Era uma espécie de língua saindo de uma goela. Lambeu medonhamente o corpo nu de Gilliatt e, de repente, esticando-se, desmedida e fina, aplicou-se à sua pele e enrolou-se no corpo. Ao mesmo tempo, um sofrimento inaudito, sem comparação neste mundo, levantava os músculos de Gilliatt. Sentia que lhe abriam a pele em muitos pontos, de um modo horrível. Parecia-lhe que inúmeros lábios, pregados à carne, procuravam beber-lhe o sangue.

Terceira correia saiu fora do rochedo, apalpou Gilliatt e chicoteou-lhe os lados como uma corda. Afinal, fixou-se como as outras.

A angústia, no paroxismo, é muda. Gilliatt não soltou um grito. Havia bastante luz para

que ele pudesse ver as formas repelentes aplicadas ao corpo dele.

Quarta ligadura, esta rápida como uma flecha, saltou-lhe a roda do ventre e enrolou-se a ele.

Era impossível cortar ou arrancar aquelas correias viscosas que aderiam estreitamente ao corpo de Gilliatt e por muitíssimos pontos. Cada um desses pontos era um fogo de terrível e estranha dor. Era o que sentiria quem fosse engolido ao mesmo tempo por uma porção de bocas pequeninas.

Quinta ligadura rompeu do tronco. Sobrepôs-se às outras e foi enroscar-se no diafragma de Gilliatt. A compressão ajuntava-se à ansiedade. Gilliatt mal podia respirar.

Aquelas ligaduras, pontudas na extremidade, iam alargando como lâminas de espada para o punho. Todas cinco pertenciam evidentemente ao mesmo centro. Caminhavam e arrastavam-se para Gilliatt. Ele sentia deslocarem-se essas pressões obscuras que lhe pareciam bocas.

Bruscamente, uma larga viscosidade redonda e chata saiu de dentro da rocha. Era o centro; as cinco ligaduras prendiam-se a ele,

como raios a um eixo; distinguia-se, do lado oposto daquele disco imundo, o começo de outros três tentáculos, presos no fundo do buraco. No meio dessa viscosidade havia dois olhos.

Olhavam eles para Gilliatt.

Gilliatt reconheceu que era uma *pieuvre*<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup>**Polvo**, no dialeto normando. Graças a Hugo, este vocábulo disseminou-se na língua francesa e hoje prefere à forma tradicional, *poup*.

## O MONSTRO

Para acreditar na *pieuvre* é preciso tê-la visto.

Comparadas à *pieuvre*, as velhas hidras fazem sorrir.

Em certos momentos, parece que o elemento fugitivo que flutua em nossos sonhos encontra na realidade ímãs aos quais esses lineamentos se prendem, e dessas obscuras ficções do sonho surgem criaturas. O ignoto dispõe do prodígio e serve-se dele para compor o monstro. Orfeu, Homero e Hesíodo só puderam fazer a quimera; Deus fez a *pieuvre*.

Quando Deus quer, excede no execrável.

A razão desta vontade é o medo do pensador religioso.

Admitidos todos os ideais, se o terror é um fim, a *pieuvre* é uma obra-prima.

A baleia é enorme, a *pieuvre* é pequena; o hipopótamo tem uma couraça, a *pieuvre* é nua; a jararaca tem um silvo, a *pieuvre* é muda; o rinoceronte tem um chifre, a *pieuvre* não tem chifre; o escorpião tem um dardo, a *pieuvre* não tem dardo; o macaco tem uma cauda, a *pieuvre*

não tem cauda; o tubarão tem barbatanas cortantes, a *pieuvre* não tem barbatanas; o vespertílio-vampiro tem asas com unhas, a *pieuvre* não tem asas; o porco-espinho tem espinhos, a *pieuvre* não tem espinho; o espadarte tem um gládio, a *pieuvre* não tem gládio; o torpedo tem um raio, a *pieuvre* não tem raio; o sapo tem um vírus, a *pieuvre* não tem vírus; a víbora tem veneno, a *pieuvre* não tem veneno; o leão tem garras, a *pieuvre* não tem garras; o gipaeto tem um bico, a *pieuvre* não tem bico; o crocodilo tem uma goela, a *pieuvre* não tem dentes.

A *pieuvre* não tem massa muscular, nem grito ameaçador, nem couraça, nem chifre, nem dardo, nem cauda, nem barbatanas, nem asas, nem espinhos, nem espada, nem descarga elétrica, nem vírus, nem veneno, nem garras, nem bico, nem dentes. A *pieuvre* é, de todos os animais, o mais formidavelmente armado.

O que é a *pieuvre*? É a ventosa.

Nos escolhos em pleno mar, onde a água mostra e esconde todos os seus esplendores, nas cavas de rochedos não visitadas, nas cavas desconhecidas onde abundam as vegetações, os crustáceos e as conchas, debaixo dos profundos

pórticos do oceano, o nadador que se arrisca, arrastado pela beleza do lugar, corre o risco de um encontro. Se tiveres esse encontro, não sejas curioso, foge. Entra-se fascinado, sai-se apavorado.

Eis o que é esse encontro sempre possível nas rochas do mar alto.

Uma forma cinzenta oscila na água, da grossura de uma braça e de meia vara de comprimento; é um trapo; essa forma assemelha-se a um guarda-chuva sem capa; a pouco e pouco o trapo caminha para o homem. De repente, abre-se, oito raios saem bruscamente da roda de uma face que tem dois olhos; esses raios vivem; flamejam ondeando; é uma espécie de roda desenrolada, tem quatro ou cinco pés de diâmetro. Desenrolamento medonho. Atira-se ao infeliz.

A hidra arpoa o homem.

Este animal aplica-se à sua presa, cobre-a, envolve-a com os seus longos braços. Por baixo é amarelada, por cima é térrea; nada pode imitar esse inexplicável matiz de poeira; dissera-se um animal feito de cinza, e morando na água. É aracnídeo pela forma, é cameleão



pelo colorido. Irritada, torna-se roxa. Coisa horrível, é flácida.

Os seus nós garroteiam; o seu contato paralisa.

Tem um aspecto de escorbuto e de gangrena. É a moléstia feita monstruosidade.

Não se pode arrancá-la; agarra-se estreitamente à sua presa.

Como? Pelo vácuo.

As oito antenas, largas na origem, vão estreitando-se e terminam como agulhas; debaixo de cada uma delas alongam-se paralelamente duas filas de pústulas decrescentes, as grossas perto da cabeça, as pequenas na ponta, e cada fila tem vinte e cinco. Há cinquenta pústulas em cada antena, e todo o animal tem quatrocentas. Essas pústulas são ventosas.

As ventosas são cartilagens cilíndricas e lívidas. Na grande espécie vão diminuindo de diâmetro — desde uma moeda de cinco francos até a grossura de urna lentilha. Esses pedaços de tubos saem e entram no animal. Podem meter-se no corpo de um homem mais de uma polegada.

Este aparelho de sucção tem a delicadeza de um teclado. Levanta-se, esconde-se. Obedece à menor intenção do animal. As sensibilidades mais delicadas não igualam à contratibilidade dessas ventosas, sempre proporcionadas aos movimentos internos do bicho e aos incidentes externos. Este dragão é uma sensitiva.

Este monstro é aquele que os marinheiros chamam polvo, que a ciência chama cefalópode e a que a lenda chama *kraken*. Os marinheiros ingleses chamam-no *devil-fish*, o peixe-diabo. Chamam-no também *blood-sucker*, chupador de sangue. Nas ilhas da Mancha chamam-na *pieuvre*.

É muito rara em Guernesey, muito pequena em Jersey, muito grande e frequente em Serk.

Uma estampa da edição de Buffon por Sonnini representa um cefalópode estreitando uma fragata. Dionísio Montfort pensa que na verdade o polvo das altas latitudes pode meter um navio a pique. Bory Saint-Vincent nega-o, mas atesta que nas nossas regiões o polvo ataca o homem. Quem for a Serk verá, perto de Brecq-Hou, o buraco do rochedo onde uma *pieuvre* há anos agarrou, reteve e afogou um pescador de

lagostas. Peron e Lamarck enganam-se quando duvidam que o polvo, não tendo barbatanas, possa nadar. Aquele que escreve estas linhas viu com seus próprios olhos, em Serk, na Cova das Lojas, uma *pieuvre* perseguir, a nado, um homem que tomava banho. Foi morta e medida; tinha quatro pés ingleses de largura e pode-se contar quatrocentos chupadores. O bicho agonizante atirava-os para longe de si convulsamente.

Segundo Dionísio Montffort, um desses observadores cuja alta intuição faz descer ou subir até o magismo, o polvo tem quase as paixões do homem; o polvo odeia. E, no absoluto, ser hediondo é odiar.

O disforme debate-se debaixo de uma necessidade de eliminação que o torna hostil.

A *pieuvre* nadando conserva-se, por assim dizer, na bainha. Nada com as antenas fechadas. Imaginem uma manga cosida com um punho dentro. Esse punho, que é a cabeça, impele o líquido e avança com um vago movimento ondulatório; os dois olhos, embora grandes, são pouco distintos por serem da cor da água.

A *pieuvre* quando espreita a caça, esquiva-se; diminui-se, condensa-se; reduz-se à mais simples expressão. Confunde-se com a penumbra. Parece uma dobra de vaga. Assemelha-se a tudo, exceto a coisa viva.

A *pieuvre* é o hipócrita. Não se repara nela; repentinamente, abre-se.

Que há aí de mais medonho que isso: uma viscosidade com uma vontade! O viscoso amassado de ódio.

É no mais belo azul da água límpida que surge essa hedionda estrela voraz do mar. O que é terrível é que não se sente de longe. Quando a gente a vê, já está agarrada.

Contudo, à noite, e particularmente na estação do desejo, a *pieuvre* é fosfórica; aquele pavor tem os seus amores. Aguarda o himeneu. Faz-se bela, ilumina-se e, do alto de algum rochedo, pode-se vê-la nas profundas trevas, aberta numa irradiação, sol espectro.

A *pieuvre* anda; também nada. É um tanto peixe e um tanto réptil. Arrasta-se no fundo do mar. Utiliza as suas oito pernas. Roja-se como a lagarta.

Não tem osso, nem sangue e nem carne. É flácida. Não tem nada dentro. É uma pele.

Pode-se virar-lhe os tentáculos de dentro para fora, como dedos de uma luva.

Tem um só orifício no centro dos oito raios. Esse hiato único é o ânus? É a boca? É as duas coisas. A mesma abertura executa as duas funções. A entrada é a saída.

É fria toda ela.

Repelente bicho, é um do mediterrâneo. É um contato hediondo, essa gelatina animada que envolve o nadador, onde as mãos mergulham, onde as unhas trabalham, bicho que se rasga sem matar, e que se puxa sem tirar, espécie de criatura resvaladiça e tenaz, que escorrega entre os dedos; mas nada iguala a súbita aparição da pieuvre, Medusa servida por oito serpentes.

Não há aperto igual ao do cefalópode.

É uma máquina pneumática que ataca. Luta-se com o nada ornado de patas. Nem unhas nem dentes; uma escarificação indizível. Uma mordedura é temível; é menos ainda que uma sucção. A garra não iguala a ventosa. A garra é o animal que entra na carne; a ventosa é o homem que entra no bicho. Incham-se os músculos, torcem-se as fibras, rebenta a pele, debaixo de um peso imundo, jorra o sangue, e

mistura-se horrivelmente à linfa do molusco. O bicho sobrepõe-se ao homem por mil bocas infames; a hidra incorpora-se ao homem; o homem amalgama-se à hidra. Ficam sendo um só. Pesa aquele sonho. O tigre pode antes apenas devorar; o polvo (horror!) aspira. Puxa o homem a si e em si, e, atado, enviscado, impotente, o homem sente-se lentamente esvaziado naquele terrível saco, que é um monstro.

Além do terrível, que é ser comido vivo, há o inexprimível, que é ser bebido vivo.

Esses estranhos animais são ao princípio rejeitados pela ciência, segundo o hábito de sua excessiva prudência; depois, ela estuda-os, descreve-os, classifica-os, inscreve-os, põe-lhes rótulos, procura exemplares; expõe-nos em museus; eles entram na nomenclatura; ela os qualifica moluscos, invertebrados, raiados; verifica-lhes as fronteiras; um pouco além os calamares, um pouco aquém os depiários; para estas hidras da água salgada acham um análogo na água doce, o argironete; divide-as em grande, média e pequena espécie; admite mais facilmente a pequena espécie que a grande, o que é, em todas as regiões, a tendência da

ciência, a qual é mais microscópica que telescópica; olha a sua construção e chama-os cefalópodes; conta as suas antenas e chama-os octópodes. Feito isto, deixa-os assim. Onde a ciência os larga, a filosofia os retoma.

A filosofia estuda por sua vez esses entes. Ela vai menos longe e mais longe que a ciência. Não os disseca, medita-os. Onde o escalpelo trabalhou, imerge a hipótese. Procura a causa final. Profundo tormento de pensador. Essas criaturas o inquietam quase sobre o criador. São as surpresas; hediondas. São os perturbadores, do contemplativo. Ele as verifica desvairado. São as formas intencionais do mal. Que fazer diante dessas blasfêmias da criação contra si própria? A quem deve ele queixar-se?

O Possível é uma matriz formidável. O mistério concentra-se em monstros. Lanhos de sombra saem deste penedo — a iminência —, rasgam-se, destacam-se, rolam, flutuam, condensam-se, enchem-se do negrume ambiente, recebem as polarizações desconhecidas, tomam vida, compõem uma forma com obscuridade e uma alma com o miasma, e vão-se, larvas através da vitalidade. É alguma coisa semelhante às trevas feitas

animais. Por quê? Para quê? Volta a questão eterna.

Esses animais são fantasmas e monstros, a um tempo. São provados e improváveis. Ser é o fato, não ser é o direito. São os anfíbios da morte. A sua inverossimilhança complica a sua existência. Tocam a fronteira humana e povoam o limite quimérico. Negais o vampiro, aparece a *pieuvre*. É uma certeza que desconcerta a nossa segurança. O otimismo, que é a verdade, perde-se quase diante deles. São a extremidade visível dos círculos negros. Marcam a transição da nossa realidade a outra. Parecem pertencer a esse começo de entes terríveis que o sonhador entrevê confusamente na noite.

Esses prolongamentos de monstros, no invisível ao princípio, no possível depois, foram suspeitados, vistos, talvez, pelo êxtase severo, e pelo olhar fixo dos magos e dos filósofos. Daí a conjectura de um inferno. O demônio é o tigre do invisível. A besta feroz das almas foi denunciada ao gênero humano por dois visionários, um que se chama João, outro que se chama Dante.

Se, com efeito, os círculos da sombra continuam indefinidamente; se, depois de um



anel, há outro; se isto vai em progressão ilimitada; se existe a cadeia, de que estamos resolvidos a duvidar, é certo que a *pieuvre* numa extremidade prova Satanás na outra.

É certo que o mau numa ponta prova a maldade na outra.

Todo animal feroz, como toda inteligência perversa, é esfinge.

Esfinge terrível, propondo o enigma terrível. O enigma do mal.

Essa perfeição do mal é que faz inclinar às vezes os grandes espíritos para a crença do Deus duplo, para o tremendo bifronte dos maniqueus.

Uma seda chinesa, roubada na última guerra, no palácio do império da China, representa o tubarão comendo o crocodilo, o qual come a serpente, a qual come a águia, a qual come a andorinha, a qual come a lagarta.

Toda a natureza devora ou é devorada. As presas mastigam-se umas às outras.

Entretanto, os sábios que também são filósofos, e por consequência benévolos para a criação, acham ou acreditam achar a explicação disto. O fim destas coisas aparece, entre outros, a Bonnet de Genebra, aquele misterioso espírito

exato, que foi oposto a Buffon, como mais tarde Geoffroy Saint-Hilaire o foi a Cuvier. A explicação dizem ser esta: a morte exige a inumação. Esses vorazes são coveiros.

Todas as criaturas entram umas nas outras. Podridão é alimentação. Assustadora limpeza do globo. O homem, carnívoro, também é coveiro. A nossa vida é feita de morte. Tal é a lei terrífica. Somos sepulcros.

No nosso mundo crepuscular, esta fatalidade da ordem produz monstros. Perguntais: por quê? É por isto.

Será isto a explicação? Será esta a resposta? Mas então por que não será outra a ordem? Reaparece a questão.

Vivamos, seja.

Mas façamos com que a morte nos seja progresso. Aspiremos aos mundos menos tenebrosos.

Sigamos a consciência que nos leva para lá.

Porquanto — não o esqueçamos nunca — o preferível só é achado pelo melhor.

## OUTRA FORMA DE COMBATE NO ABISMO

Tal era o animal a quem, desde alguns instantes, Gilliatt pertencia.

Aquele monstro era o habitante daquela grotta. Era o medonho gênio do lugar. Espécie de sombrio demônio da água.

Todas essas magnificências tinham por centro o horror.

Um mês antes, no dia que pela primeira vez Gilliatt penetrou na caverna, a forma escura, entrevista por este nas dobras da água secreta, era aquela *pieuvre*.

Estava ela em sua casa.

Quando Gilliatt, entrando pela segunda vez na caverna, em busca do caranguejo, viu o buraco onde pensou que o caranguejo se tivesse refugiado, a *pieuvre* estava no seu buraco à espreita.

Pode-se imaginar esta espera?

Nenhum pássaro ousaria chocar, nenhum ovo ousaria abrir, nenhuma flor ousaria desabrochar, nenhum seio ousaria aleitar, nenhum coração ousaria amar, nenhum espírito

ousaria voar, se pensasse nas sinistras emboscadas do abismo.

Gilliatt metera o braço no buraco; a *pieuvre* agarrou-o.

Gilliatt estava preso.

Era a mosca daquela aranha.

Gilliatt tinha água até a cintura, os pés agarrados nos seixos arredondados e resvaladiços, com o braço direito atado pelas correias da *pieuvre*, e o tronco do corpo desaparecendo quase debaixo das dobras e cruzamentos daquela atadura horrível.

Dos oitos braços da *pieuvre*, três aderiam à rocha, cinco aderiam a Gilliatt. Deste modo agarrados ao granito por um lado e ao homem pelo outro, encadeavam Gilliatt ao rochedo. Gilliatt tinha em si chupadores. Complicação de angústia e de enjoo. Estava apertado dentro de uma grande mão, cujos dedos elásticos e do comprimento de um metro, são inteiramente cheios de pústulas vivas que lhe fuçavam na carne.

Já o dissemos, não se pode arrancar a *pieuvre*. Quem o tenta, fica mais fortemente amarrado. Ela aperta-se mais. O seu esforço

crece na razão do esforço do homem. Quanto maior é a sacudidela, maior é a constrição.

Gilliatt só tinha um recurso, a faca.

Tinha a mão esquerda livre; é sabido que ele usava dela poderosamente. Podia dizer-se que tinha duas mãos direitas.

Nessa mão tinha ele a faca aberta.

Não se cortam as antenas da *pieuvre*; é um couro impossível de cortar, resvala debaixo da lâmina; demais, a superposição é tal que um corte nessas correias iria até a carne.

O polvo é formidável; há, contudo, uma maneira de vencê-lo. Os pescadores de Serk o sabem; quem os viu executar no mar certos movimentos bruscos, também o sabe. Os ouriços do mar também conhecem esse modo. O polvo, na verdade, só é vulnerável na cabeça.

Gilliatt não o ignorava.

Nunca tinha visto uma *pieuvre* daquele tamanho. Logo da primeira vez, achava-se agarrado pela grande espécie. Qualquer outro terse-ia perturbado.

Há um momento para vencer a *pieuvre*, como o touro; é o instante em que o touro curva o pescoço, é o instante em que a *pieuvre* estica a

cabeça; instante rápido. Quem o deixa escapar está perdido.

Tudo o que acabamos de dizer passou-se em alguns minutos. Gilliatt sentia crescer a sucção das duzentas e cinquenta ventosas.

A *pieuvre* é traidora. Procura apavorar a presa. Agarra e espera o mais que pode.

Gilliatt tinha a faca na mão. As sucções aumentavam.

Ele olhava para a *pieuvre*, a *pieuvre* olhava para ele.

De repente, o bicho desprende do rochedo e, atirando-a sobre Gilliatt, procurou agarrar-lhe o braço esquerdo.

Ao mesmo tempo, esticou vivamente a cabeça. Mais um segundo e a sua boca aplicar-se-ia sobre o peito de Gilliatt. Gilliatt, sangrado no corpo e preso pelos braços, estaria morto.

Mas Gilliatt vigiava. Espreitado, espreitava.

Evitou a antena e, no momento em que o bicho ia agarrar-lhe o peito, a sua mão armada abateu-se sobre o bicho.

Houve duas convulsões em sentido inverso: a da *pieuvre* e a de Gilliatt.

Foi luta de dois relâmpagos.

Gilliatt mergulhou a ponta da faca na vistosidade chata e, com um movimento giratório semelhante à torção de uma chicotada, fazendo um círculo à roda dos dois olhos, arrancou a cabeça como quem arranca um dente.

Estava acabado.

O bicho caiu.

Parecia uma roupa que se desprende. Destruída a bomba aspirante, desfez-se o vácuo. As quatrocentas ventosas largaram ao mesmo tempo o rochedo e o homem. Aquele andrajo foi ao fundo da água.

Gilliatt, ofegante da luta, pode ver a seus pés, em cima das pedras do fundo, dois montes gelatinosos e informes, a cabeça de um lado, o resto de outro. Dizemos resto, porque não se poderia dizer corpo.

Gilliatt, contudo, receando algum ataque convulsivo da agonia, colocou-se fora de alcance dos tentáculos.

Mas o animal estava bem morto. Gilliatt fechou a faca.

## SOBRE O AUTOR

**Victor-Marie Hugo** (1802 – 1885), poeta, dramaturgo e romancista francês, é um dos grandes nomes da literatura universal. Maior estrela do romantismo francês, deixou romances admiráveis, como *Nossa-Senhora de Paris* (1831), *Os Miseráveis* (1862), *Os Trabalhadores do Mar* (1866) e *O Homem que Ri* (1869). A presente narrativa constitui-se num episódio de *Os Trabalhadores do Mar*.